

LOTUS: A FLOR SAGRADA DOS JARDINS DO ANTIGO EGITO

LOTUS: THE SACRED FLOWER OF ANCIENT EGYPT GARDENS

Henrique Cunha Junior¹

Resumo

Esse artigo é produzido em torno da importância da Flor de Lotus no antigo Egito e sua extensa representação iconográfica, espécime naturalmente encontrado nos alagados e pântanos das margens do Rio Nilo. A planta da qual a flor de lotus é a inflorescência foi importante no antigo Egito por ser um espécime botânico de purifica as águas em reservatórios, tanques e piscinas, os quais eram de grande importância por questões climáticas, dada a localização do Egito no clima do semiárido, ladeado por desertos. Portanto a planta da flor de lotus era usada em muitas das casas, palácios e áreas públicas e privadas. No entanto, a flor de lotus representa um conceito ligado a renovação da vida e a inteligência, ao conhecimento, a razão científica, a compreensão do mundo e do universo e a sabedoria. A flor de lotus aparece ligada diversas representações da vida e da morte. Foi uma flor muito utilizada na religião egípcia. Além dos fatores simbólicos a flor de lotus produzia efeitos alucinógenos, empregados em cultos religiosos e em atividades de festas como efeitos eróticos. Sendo também bastante utilizado em perfumes e unguentos, tanto nos aspectos sociais cotidianos como em situações religiosas fúnebres. A flor de lotus foi essencial em todas as práticas espirituais do antigo Egito. A flor de lotus egípcia, também denominada de lírio dos faraós ou lírio do Egito recebe o nome científico de *Nymphaea Caerula*. Esse artigo é parte de uma pesquisa sobre as plantas encontradas nos jardins dos faraós e representadas na iconografia desses jardins.

Palavras chaves: iconografia do antigo Egito; jardins dos faraós; flor de lotus; representações da flor de lotus; usos da flor de lotus no antigo Egito.

Abstract

This paper is produced around the importance of the Lotus Flower in ancient Egypt and its extensive iconographic representation. The plant of which the lotus flower is the inflorescence was important in ancient Egypt as it was a botanical specimen that purified water in reservoirs, tanks and swimming pools. Specimen naturally found in wetlands and swamps on the banks of the Nile River. The reservoirs and pools were of great importance for climatic reasons given Egypt's location in the semi-arid climate, flanked by deserts. Therefore the lotus flower plant was used in many of the houses, palaces and public and private areas. However, the lotus flower represents a concept linked to the renewal of life and intelligence, knowledge, scientific reason, understanding of the world and the universe and wisdom. The lotus flower appears linked to various representations of life and death. It was a flower widely used in Egyptian religion. In addition to symbolic factors, the lotus flower produced hallucinogenic effects, used in religious cults and party activities as erotic effects. It is also widely used in perfumes and ointments, both in everyday social aspects and in religious funeral situations. The lotus flower was essential in all spiritual practices of ancient Egypt. The Egyptian lotus flower, also called lily of the pharaohs or lily of Egypt, receives the scientific name of *Nymphaea Caerula*. This article is part of a research on the plants found in the pharaohs' gardens and represented in the iconography of these gardens.

Keywords: ancient Egypt iconography; gardens of pharaohs; lotus flower; representations of lotus flower; lotus flower uses in ancient Egypt

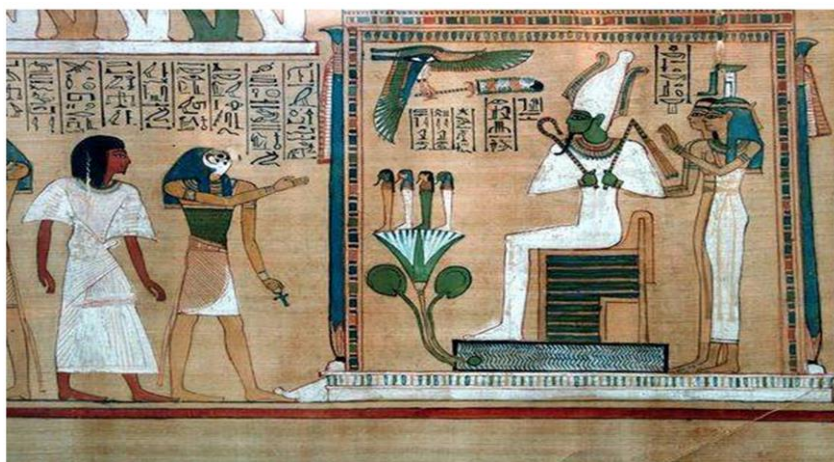
¹ Professor Titular UFC – Professor Visitante UFBA – PPGAU- Salvador, Bahia, Brasil. henriquecunhaafricanidade@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-9664>

1. Flor de Lótus - Ornamento Difundido na Arte, Arquitetura e Design do Antigo Egito

Na mitologia do antigo Egito a flor de lótus é uma flor sagrada porque dela se fez a luz e da luz a criação do mundo. Consta da narrativa do mito que o jovem Deus Sol nasce de uma flor de lótus que flutua no oceano primordial denominado com “Nun”. Essa narrativa é devido a repetição do nascer do sol e repetição do abrir e fechar da flor de lótus nas 24 horas do dia. A criação e a constante ressurreição fazem da flor de lótus um símbolo religioso importante do antigo Egito. Entretanto se constata pela iconografia que as utilidades vão além dos ritos religiosos.

O papiro da Figura 1 reitera essa importância religiosa. Esse papiro é parte do texto conhecido como livro dos mortos, cujo nome mais preciso seria “O da passagem para a iluminação”, onde a alma dos mortos é julgada pela sua vida terrena e pelo cumprimento ou não das máximas da lei da Maat (Cunha Junior, 2021). Nessa Figura 1 temos o julgamento de Nunefer, um alto oficial da décima nona dinastia egípcia. A cena apresenta a direita a divindade Osiris sentado no trono, a sua frente o oficial Nunefer sendo conduzido pela divindade Anubis, considerado o supervisor do julgamento. Na frente do trono figura a flor de lótus, a qual fazia parte simbólica importante na cerimônia do julgamento da alma.

Figura 1: O julgamento de Nunefer perante Osiris. Fonte: Book of the Dead, 19th Dynasty, New Kingdom, c. 1275 B.C.E., papyrus, Thebes, Egypt (British Museum).



Fonte: Book of the Dead, 19th Dynasty, New Kingdom, c. 1275 B.C.E., papyrus, Thebes, Egypt (British Museum).

Antes da unificação entre o alto e baixo Egito, em 3400 a.C, a flor de lótus já era um elemento de ampla representação iconográfica porque era símbolo do alto Egito. Com a unificação do alto e baixo Egito a flor de lótus e o a planta papiros aparecem na iconografia como símbolos da unidade entre os dois reinos. Essa unidade atravessa mais de 3500 anos da história dessa região, apresentando interrupções em períodos de invasão do Egito por outros povos da região. Portanto a flor de lótus e os papiros estão entre as plantas mais representadas na iconografia na história egípcia.

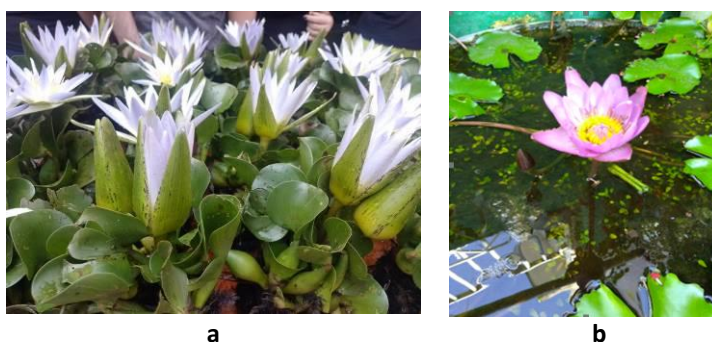
Na imagética egípcia os jardins de diversas formas apresentam grande importância. Dentre as plantas encontradas nesses jardins figuram as palmeiras, as figueiras, a planta papiros e flor de lótus. Embora a planta da flor de lótus seja abundante em várias regiões do rio Nilo, o seu cultivo em jardins foi resultado dos cultos religiosos e da importância como símbolo de vida. A flor de lótus é o ente da cultura egípcia de maior evidência em toda a

iconografia dos 3500 anos do antigo Egito. Neste artigo tratamos dos diversos aspectos que consagraram a importância da flor de lótus na cultura do período dos faraós.

O estudo da flor de lótus é parte de uma pesquisa ampla que trabalha com os jardins do antigo Egito a partir das representações iconográficas (Cunha Junior, 2021). Neste estudo procuramos entender as plantas mais comuns nos jardins egípcios da antiguidade e compreender a importância dessas plantas na economia, na vida religiosa e na sociedade.

Do ponto de vista da coloração temos quatro tonalidades da flor de lótus, branca, azul, vermelha e rósea. No antigo Egito o lótus azul era o de maior presença e referência nos textos, sendo por vezes descrito como nenúfar, ou seja, um lírio do Egito. Com nome científico de *Nymphaea Caerulea*, apresenta pétalas azuis e tendo desempenhado um papel importante nos eventos espirituais. Nas Figura 2 a e b apresentamos duas fotografias da flor de lótus realizadas na cidade de Fortaleza pela fotografa Marlene Santos.

Figura 2: a) Fotografia da flor de lótus em Fortaleza em 2023. b) Fotografia da flor de lótus em Fortaleza em 2019.



Fonte: Elaborado por Marlene dos Santos.

O estudo feito da flor de lótus, no qual se baseia este artigo, utiliza a forma de pesquisa iconográfica, com os requisitos da transdisciplinaridade e da complexidade sistêmica na formulação africana (CUNHA JUNIOR, 2021). As partes desse artigo são: a iconografia no antigo Egito, os jardins egípcios, a classificação, os usos e representação da flor de lótus na vida cotidiana nos usos religiões, na arquitetura e no design.

2. Iconografia do Antigo Egito

As civilizações africanas do vale do rio Nilo, constituídas por Etiópia, Núbia e Egito, foram marcadores civilizatórios que se expandiram por todo o continente africano. Foram civilizações com fortíssima base escrita que se propagou em todo o continente, portanto não existe base científica para considerar os povos africanos como ágrafos, sendo a mais conhecida o Egito. Da realidade do passado egípcio que nos chega à atualidade são ruínas de edificações, das mais diversas finalidades, papiros e objetos da vida cotidiana. Nessas edificações grandes afrescos, paredes de pedras desenhadas, contam a história dessa sociedade a ser decifrada. Além dos edifícios, temos papiros, moveis e objetos de arte, todos contendo farta matéria escrita. Portanto nas tentativas de interpretação e de tradução da história antiga egípcia se apresenta com grande destaque os acervos iconográficos, sendo um dos meios de maior acesso ao conhecimento sobre essa sociedade. A Figura 3-a exemplifica como eram as escritas

e as imagens de uma parede dos edifícios do antigo Egito, sendo que Figura 3-b mostra detalhe de uma coluna de templo.

Figura 3: a) Parede de ruína da cidade de Tebas. Antiga capital do Egito. b) Coluna egípcia do hypostyle hall no templo de Khnum na cidade de Esna.



a

Fonte: UNESCO patrimônio da humanidade no continente africano

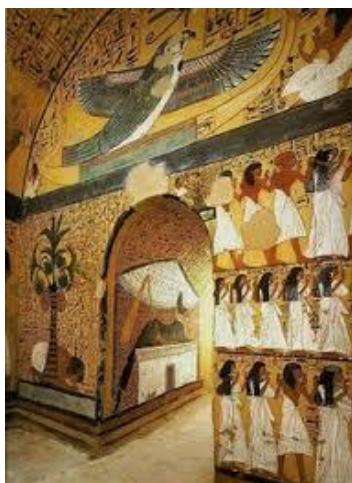


b

Fonte: Baines, John; Malek, Jaromir, Atlas of Ancient Egypt.

As principais construções no antigo Egito eram jardins públicos e privados, palácios, templos religiosos e monumentos funerários. Os monumentos funerários foram de diversos tipos, desde “maatabas”, que eram casas para as almas dos mortos aguardarem a passagem para a iluminação, aos grandes mausoléus, como as pirâmides e hipogeus, além dos túmulos para o cadáver físico. Todas as construções possuíam obras artísticas e painéis de informações. Os mobiliários de todos os tipos de construção carregavam escritos e desenhos, sendo suporte de informação imagética, servindo como a principal fonte de informação sobre a vida no antigo Egito. Na Figura 4-a apresentamos um exemplo de painéis pintados em uma maastaba e na Figura 4-b as pinturas realizadas em sarcófagos.

Figura 4: a) Exemplo de painel pintado em maataba. b) Exemplo de sarcófago decorado com desenhos e escritas.



a

Fonte: Catálogo do Museu do Cairo



b

Fonte: Museu do Cairo.

A iconografia é farta devido aos egípcios registrarem as diversas facetas da vida em grandes afrescos, em painéis de pedras e em papiros servindo de referência para diversas áreas do conhecimento. A Figura 5 apresenta uma fotografia de pesquisadores lendo as paredes com escritas hieroglíficas. Nela podemos observar os tamanhos das letras esculpidas nas pedras em relação ao tamanho da figura humana.

O tema da iconografia do antigo Egito e os seus métodos de trabalho constituem um trabalho amplo e difícil dado a distância temporal dos feitos e da imensa diferença de valores sociais entre a sociedades africanas tradicionais, agravado sobretudo pela força ideológica eurocêntrica na atualidade sobre as ciências. Devido as dificuldades é que resolvemos concentrar o problema do método sobre três grandes e significativos trabalhos que são referência para uma série de outros estudos sobre as imagens do antigo Egito.

Como primeira referência temos os trabalhos sobre túmulos, privados e públicos, de Juan Carlos Moreno Garcia (Garcia, 2006). A segunda referência escolhida foi o trabalho de Rene Van Walsem (Walsem, 1998) sobre a iconografia do antigo Egito como um programa ideológico das classes dominantes. Na terceira referência tomamos os trabalhos de N. Alexanian que tratam da dimensão social das edificações das maastabas (Alexanian, 2003).

Figura 5: Exemplo de parede escrita em hieróglifos. A figura humana nos dá a escala das letras.



Fonte: Reading Egyptian hieroglyphs in 1927, Karnak Temple, #Egypt www.ancient-origins.net.

Os diversos estudos da iconografia egípcia corroboram com uma asserção vinda dos estudos da arte, na qual se desenvolveu a ideia que os pintores e artistas egípcios obedeciam a um programa de estado para confecção das suas obras. Ficou configurado que a arte egípcia foi realizada como manifestação visual de valores sociais formulados por uma elite que representava uma parcela minoritária da sociedade. Esse conjunto artístico foi criado dentro de um empreendimento canônico, conformando-se a critérios estabelecidos que permaneceram relativamente invariáveis ao longo do tempo dinástico, ou seja, por 3000 anos. Portanto os artistas tinham limitações ideológicas que impuseram um pequeno grau de liberdade de expressão. Então como meio visual de expressar esses valores sociais a arte egípcia pode ser considerada uma extensão do sistema de hieróglifos, porque as regras que

regulam o desenho de qualquer hieróglifo são precisamente aquelas que governam a composição de qualquer imagem visual (Goring; Reeves; Ruffle, 1997).

Quase todos os estudos com base em material iconográfico procuram estabelecer, em princípio, o lugar e o tempo histórico de onde foram retiradas as imagens. A geografia e a cronologia é uma etapa dos métodos iconográficos. Esses dados permitem o cruzamento com documentos escritos e o estabelecimento de uma primeira classificação das imagens. Nesse tipo de classificação geralmente são encontrados marcadores de permanência de estilos e modos de fazer alguma coisa, dentro de um território restrito ou amplo, num tempo de uma ou de várias dinastias, ou de todas as dinastias. Efetivo exemplo da implicação desta classificação encontramos nos trabalhos de Simon Delvaux sobre a evolução dos métodos de transporte de cargas no antigo Egito. Estudando o transporte em aparato semelhante a um trenó de madeira pode diferenciar a variação das toneladas de cargas, dos tipos de tração animal e das qualidades de cordas e formas de amarrar as cargas (Delvaux, 2018).

O mesmo tipo de classificação das imagens também é forte dentre os trabalhos de Juan Carlos Moreno Garcia, quando analisa um conjunto de imagens de túmulos dentro de um grande período e identifica as mudanças de tecnologia construtiva (Garcia, 2006). Os agrupamentos e classificação territorial temporal das imagens permite também avaliar a evolução do conhecimento sobre determinado tema. O exame de um mesmo conjunto de imagem em tempos diversos por pesquisadores utilizando ferramental e informações novas mostra como a ciência produz contradições e avanços. Ou seja, os questionamentos e as conclusões sobre um mesmo conjunto de imagens evoluem no tempo. Na atualidade uma evolução importante é pelo uso da computação gráfica que permite a partir de imagens iniciais reconstruir em três dimensões os edifícios e os seus elementos de composição (Çetin; İpekoğlu; Laroche, 2012). Esse método foi o que permitiu a recriação em 2022 do Jardim Egípcio no parque denominado de “Hamilton Gardens” na Nova Zelândia (Castagna, 2022).

O segundo modo de operação sobre a iconografia consiste no detalhamento das imagens. Quais elementos figuram em cada imagem e quais significados eles encerram. Quais as peculiaridades encontradas em cada imagem e a busca de como se instalam essas peculiaridades. A complexidade da imagem é sempre assessorada pelos textos escritos da mesma localidade e época. Muitas vezes um elemento identificado num texto escrito somente é realmente decifrado pela comparação de imagens de um mesmo lugar e de uma mesma época. Devemos lembrar que existiram variações da língua falada e das escritas e as correlações entre imagens e termos ajudam na identificação dos elementos em estudo.

Num terceiro momento temos os problemas das sínteses. Nessas sínteses procuramos os conjuntos de imagens e termos em comum assim como os incomuns. Na síntese forma-se a complexidade dos conjuntos de imagens que permite discutir os grandes conjuntos as persistências em tempos e lugares isolados e em não isolados. Como também estabelecer as figuras isoladas como elas se integram ao conjunto cultural e a conjunto dos conhecimentos e práticas de cada época. Esse movimento de interpretação da complexidade é bem definido e muito bem exemplificado nos trabalhos de N. Alexanian sobre a dimensão social do Velho Império em relação os túmulos denominados de maastabas (Alexanian, 2003). Da mesma forma sociológica, política e ideológica as sínteses dos conjuntos de imagens são oferecidas por R. Walsem com relação aos túmulos da região de Memphis, antiga capital do antigo Egito (Walsem, 1998).

Os trabalhos da iconografia clássica foram ampliados considerando a atual estado da filosofia e da história africana, que compreende a transdisciplinaridade e a complexidade sistêmica. Portanto, a leitura detalhada das imagens dos jardins compreende um sistemático

estudo da religiosidade, da geografia, clima, flora e fauna e dos avanços da ciência egípcia sem limitá-la pelos feitos da ciência atual. Sempre cabe admitir que as sociedades do vale no Nilo empregaram conhecimentos científicos que não temos e nem concebemos na atualidade. Assim fica mais fácil de imaginarmos a fabulosa consciência que a sociedade egípcia tinha de si mesma, das suas inserções geografias e culturais e das formas de identidade desenvolvida nas classes sociais religiosas e políticas. A representação dos jardins é um espelho dos valores e do que pensava, em certa medida um grupo social e como edificava os seus valores. Os jardins retratam parte das ambições humanas e dos motivos de satisfação e prazer alimentar e físico, sendo também uma significativa amostra dos elementos dos ritos religiosos (Cunha Junior, 2023).

3. A Classificação, os Usos da Flor de Lótus e a Representação no Antigo Egito

O gosto dos egípcios pelas flores é bem estabelecido na arte do antigo Egito, em todos os aspectos da vida diária aparecem ornamentos com flores. Sejam em representações da vida privada ou da vida pública em casas, jardins, templos, tumbas mortuárias e espaços públicos a decoração apresenta temas contendo flores. Todos os atos de celebrações, religiosas ou não são ilustrados por flores. Com uma grande regularidade os arranjos florais aparecem na arte e na arquitetura egípcia da antiguidade e do presente. A geografia do antigo Egito foi representada pelo rio Nilo ladeado por pântanos e lagoas artificiais devido as cheias e enchentes do rio e os represamentos de água no período de menor vazão. Uma riqueza de plantas florescia nesses lagos e pântanos, sendo a flor de lótus a planta mais conhecida e mais constante entre todas as representações dessa região. A planta lotus denominada de Lírio do Nilo era conhecida como nenúfar no antigo Egito, cujos nomes científicos já foram citados anteriormente.

A planta da flor de lotus sempre cresceu naturalmente nos ramos rasos do Nilo, em lagoas estáticas, em grandes áreas, nas superfícies de canais tranquilos de água, onde a água tem de pouca correnteza. Além dos ambientes naturais a planta de lotus era cultivada em jardins, tanques e em criadouros de peixes. A planta lotus tem o movimento de fechar após a polinização e submergir ocorrendo que a vagem depois emerge e dispersa as sementes. Essa planta requer muito sol e uma temperatura mínima de 24 graus Celsius. Os antigos egípcios associaram esse movimento à morte e à ressurreição. A flor também tem o movimento de abrir durante o dia e fechar durante a noite. Na Figura 6 temos imagens da flor de lotus fechada e aberta.

Figura 6: Flor de lotus fechada e aberta.



<https://www.revistaprosaveroarte.com/content/uploads/2019/04/Flor-de-L%C3%B3tus-II.jpg>

3.1. Representações da Flor de Lótus na Arquitetura do Antigo Egito

A eternidade e a presença ao longo dos tempos foi um dos grandes objetivos dos governantes e das pessoas importantes e ricas do antigo Egito. A construção de mausoléus funerários, de grandes templos, de enormes espaços públicos, de palácios e oásis foram respostas práticas as aspirações de eternidade, uma vez que as construções sempre comportaram jardins, lagos e grandes piscinas. A água em função do clima árido, quente e seco, era um elemento indispensável nas grandes construções e pela criação de peixes. O tratamento biológico da água acumulada em reservatórios é que se explica a presença da planta de flor de lotus nesses lugares.

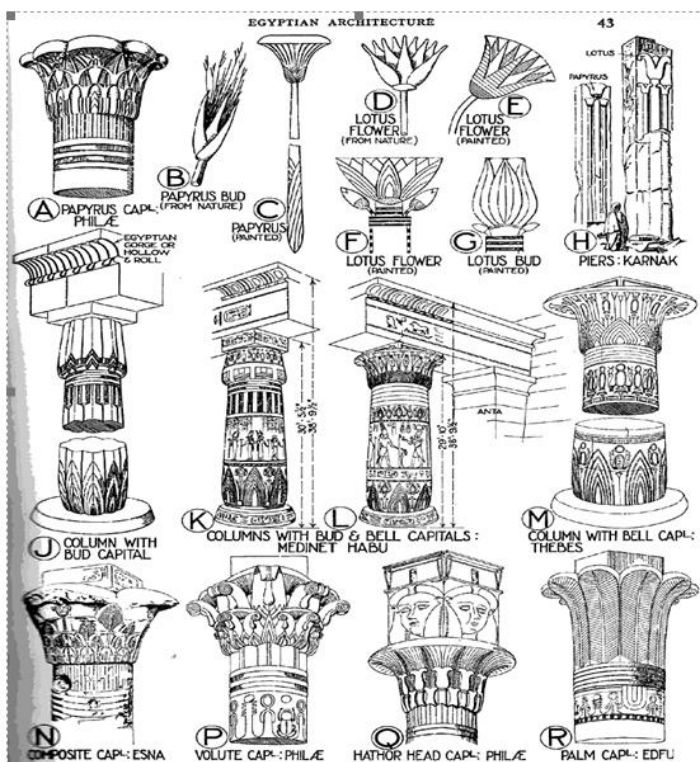
Na atualidade o governo da Austrália utiliza a flor de lotus na redução de nutrientes que são gerados em tanque de criação de peixes (Seymour et alli, 2009). O governo da Índia também estuda a importância da flor de lotus no tratamento de águas servidas domésticas (Kanabkaew; Udomphon, 2004). Essa planta têm a propriedade de melhorar a qualidade da água armazenada pois devido à camada que as folhas criam na superfície da água, serve de combate à evaporação. Nos climas quentes a evaporação é um processo que consome parte considerável da água quando não existe a devida proteção contra esse fenômeno natural. Ou seja, nos reservatórios parte da perda de água é devido a evaporação, e, no antigo Egito a planta da flor de lotus exercia uma dupla função, evitava parte significativa de evaporação e produzia uma melhoria da qualidade da água armazenada, não sendo apenas um elemento de decoração.

Dentro de todos os projetos construtivos do antigo Egito figuram espaços de grandes tanques de água, como reservatórios, como piscinas ou como criação de peixes sendo a as plantas com flor de lotus, pelos processos de purificação sempre presentes (El-Ekiaby, 1975). Existe ainda os aspectos que os reservatórios de água e piscinas de pequeno tamanho dentro das edificações que eram utilizados para produção de conforto término do ambiente pela humidificação. A água evaporada dentro do ambiente produz uma redução de até seis graus celsius na temperatura do ambiente (Gideon, 1980). As casas antigas egípcias eram construções com tijolos de barro e as colunas de madeira. Nas construções mais luxuosas as colunas eram de pedra (Gideon, 1980). Assim pela existência do lugar com água, nas residências, aparece também o cultivo da planta da flor de lotus nas moradias (Gideon, 1980).

Nas grandes edificações aparecem sempre colunas com motivos botânicos (El-Ekiaby, 1975), sendo a flor de lotus e os papiros as duas formas mais comuns de colunas (Fletcher, 1950). Na Figura 7 é representada uma síntese das colunas do antigo Egito em um manual de arquiteturas editado em 1950, em Nova Iorque. O texto da Figura 7 mostra nas imagens (D) e (E) duas formas de desenho das figuras da flor de lotus na arquitetura do antigo Egito, e nas figuras (F) e (G), os modos que a flor de lotus produziram as formas das colunas.

A Figura 8 apresenta uma fotografia das colunas em formas de flor de lotus em Karnak.

Figura 7: Processo de estilização da flor de lótus na arquitetura.



Fonte: A History of Architecture on the Comparative Method, by Sir Banister-Fletcher, New York, 1950, p. 43.

Figura 8: Fotografia de colunas em forma de flor de lótus em Tempo de Karnak.



Fonte: Flickr – Coleções de fotografias.

A flor de lótus aparece bastante na arquitetura do antigo Egito como ornamento em grandes painéis contando histórias e simbolizado fatos sociais importantes. Na Figura 10 vemos uma cena da que simboliza a unidade do antigo Egito, renascida da flor de lotus. A Figura 11 é um baixo relevo numa coluna de pedra na cidade de Dendera. No centro se encontra o faraó saído da flor de lotus, tendo ao lado esquerdo o abutre branco (Nekhbet) com a coroa do alto Nilo e do lado direito a serpente (Oudjet) com a coroa do baixo Nilo. A coluna marca a legitimidade como faraó dos dois egitos.

Figura 9: Baixo relevo em coluna de pedra em Dendara – Egito – Representado o nascimento do Faraó e a unidade dos dois Egitos.



Fonte: Catálogo de turismo de Karnak.

Na Figura 11, mais um exemplo da forma de marcar a unidade das duas coroas na figura de um determinado faraó. Semelhante a imagem da figura anterior, apresenta também uma coluna em pedra dando continuidade a história da figura anterior vem o faraó coroado com as duas coroas (Sejemti) do alto e baixo Nilo sendo ladeado pela serpente com a coroa do baixo Nilo (Dexerete) e pelo abutre com a coroa do alto Nilo (Hedjete) e emergindo da flor de lótus.

Figura 10: Faraó coroado com a dupla cora e emergindo da flor de Lótus.



Fonte: Catálogo de Turismo de Karnak.

As grandes construções do antigo Egito eram projetos de longa duração, desenvolvidos por décadas, em algumas vezes por séculos como foi o conjunto paisagístico do Plateau de Gizé onde estão as três grandes pirâmides, construídas por três faraós que se sucedem (Davidovist; Morris,1988). Os projetos continham estatuas e colunas colossais, muitos escritos e desenhos (Lange; Hirmer, 1968). Muitas das colunas eram pintadas com diversas cores, que, em muitos dos casos, tempo removeu. Nas imagens da Figura 12 podemos ver a escala de uma estátua comparada a escala humana onde a flor de lotus aparece como elemento de decoração

Figura 11: Fotografia do Grande Hall Hypostyle na antiga capital Thebes (atual Luxor).



Fonte: Karnak Great Hypostyle Hall Project – Universidade de Quebec – 2011.

Na Figura 13 temos uma síntese dos elementos de decoração na arquitetura do antigo Egito, onde são apresentados dois exemplos de colunas em forma de lotus com as suas cores como deveriam ser no passado.

Figura 12: Colunas em forma de flor de lotus decoradas como eram originalmente.



Fonte: (Brand, P., Feleg, R. and Murnane, W. "The Great ypostyle Hall in the Temple of Amun at Karnak", Oriental Institute Publications, 2019; 1(2): 142.).

A imagem da Figura 13 é uma síntese dos principais elementos ornamentais da arquitetura do antigo Egito. Entre as plantas utilizadas como ornamento a flor de lotus, tanto fechada como aberta, apresenta uma variedade de representações (Lange; Hirmer, 1968), (Sharafeldean, 2019).

Figura 13: Ornamentos arquitetônicos do antigo Egito mostrando a flora.



Fonte: Egyptian Ornament (1). The Lotus and Papyrus. Plate 4 from the book: The grammar of ornament Owen Jones; author; 1868; London. Bernard Quaritch; publisher; 1868; London.

Pelo exposto nesse item do artigo concluímos que a flor de lotus foi integrada a arquitetura, urbanismo e paisagismo do antigo Egito pelos seus significados culturais mitológicos e principalmente pelos seus aspectos práticos de tratamento de águas em açudes e reservatórios de água fresca de consumo humano e para criação de peixes (Seymour; Graham; Agcokra; Willows; Herber, 2009).

3.2. As Representações de Flor de Lótus na Arte e no Design

A ideia de purificação espírito em vida e após a morte foi muito forte na sociedade do antigo Egito, mostradas nas cenas das diferentes representações apresentam o ato de beber o “néctar” da flor de lotus, uma forma de vinho, ou o extrato da flor de lotus, produzido como uma infusão em água (Mcdonald, 2018).

Nos rituais de purificação eram utilizados vasilhames, vasos, canecas, copos, taças,

colheres, jarras e pias. Muitos desses objetos eram produzidos tendo a flor de lotus esculpida. O alabastro foi o material mais utilizado até a descoberta do vidro, o qual é uma pedra com certo grau de transparência e de trabalhabilidade relativamente fácil quando comparados as rochas como o mármore e o granito. Portanto eram comuns os objetos nesse material eram usados nas cerimônias religiosas como recipientes para conter os vinhos, os óleos e unguentos, e os perfumes e essências. Na Figura 14 pode ser visto um exemplar de pertencente ao museu do Cairo. Muitos desses objetos também foram produzidos em ouro, marfim e vidro.

Figura 14: Cálice em forma de lotus feito em alabastro.



Fonte: Museu do Cairo. Identificação JE67465.

O Museu Metropolitano de Nova York (MET) possui um grande acervo de objetos do antigo Egito, onde figura uma coleção de taças e recipiente de usos em rituais e na vida cotidiana. Dentro da coleção do MET encontramos um representativo exemplar do design em forma de lotus em uma taça em cor azul apresentada na Figura 15. Essa taça data do período de 1295 à 1185 a.C., denominado de novo império e referidos aos vários faraós com nome de Ramsés, sendo o principal destaque da história o Ramsés II, que governou de 1279 a 1213 a.C., devido as conquistas territoriais empreendida e pelo alargamento do comercio do Egito com as demais nações. Parte da sua fama também é devida ter tido como esposa a rainha Nefertari e também ter construído o Hystele Hall em Karnak (Wilkinson, 2023).

Figura 15: Taça em forma de lotus.



Fonte: Museu Metropolitano de Nova York (MET), 2001- Catálogo de Exposição.

Na coleção do MET é bastante interessante essa flor de lotus em matéria vítrea, Figura 16. Tal artefato registra as mudanças tecnológicas dentre os materiais utilizados na confecção do design do antigo Egito.

Figura 16: Artigo em material vitrificado.



Fonte: Museu Metropolitano de Nova Iorque.

A coleção de objetos da antiga Egito é também apreciável no Museu do Louvre em Paris. Dessa coleção apresentamos na Figura 17.

Figura 17: Cuvette em forma de flor de lotus.



Fonte: Museu do Louvre.

3.3. Flor de Lotus e os Usos em Rituais Religiosos e em Festas

Muitas imagens a flor de lótus estão associadas a cenas de êxtase e plenitude de prazer, sendo apresentada na cabeça de uma mulher ou de uma divindade feminina (Elsabawy, 2012). Várias imagens apresentam as personagens de destaque cheirando a flor de lótus. No Papiro de Turin, que é um catálogo de diferentes posições eróticas, a flor de lótus é apresentada encimando a cabeça da personagem em questão. Portanto se conclui que a flor tivesse propriedades que trabalham com o estado de consciência dos indivíduos, como narcótico ou como estimulante sexual. Estudos atuais demonstram que antigos egípcios decodificaram essas propriedades da flor de lótus e as utilizaram em poções variadas e de formas também variadas, seja em perfumes, óleos essenciais e vinhos. (Emboden, 1989). Nefertum e Shesmu as divindades dos perfumes, essências e óleos essenciais.

Na sociedade do antigo Egito o olfato era considerado o mais importante dos sentidos. Os prazeres em sua maioria vinham pelo cheiro. Os atos representando a alegria, o bem-estar e o prazer tinham como alegoria o nariz e a sensibilidade olfativa. Na Figura 19a. e b apresentamos duas imagens de como nariz e o cheiro eram retratados nas vivenciados da sociedade do antigo Egito.

Figura 18: a) A fotografia da estala para Ketu e Senet, representando ao ato de cheirar a flor de lotus em ato de oferenda religiosa. A estala é da 11th –12th Dynasty, datada de 2061–1900 a.C. b) Fotografia de uma das pinturas da tumba de Sennefer. A imagem representa a Meryt, a esposa de Sennefer dando flores de lotus e ele.



Fonte: Fundort unbekannt, Kunsthistorisches Museum Wien.

Os perfumes faziam parte dos hábitos cotidianos das elites (ELSABAWY, 2012). A perfeição na produção de perfumes tornou-se matéria de exportação e de grandioso comércio internacional. Os perfumes representavam na mitologia egípcia o suor das divindades. Além dos usos cotidianos os perfumes faziam parte dos rituais dos templos, dos ritos fúnebres e das

grandes festas públicas. Na mesma linha dos perfumes existiam também as essências perfumadas e os óleos essenciais. Duas divindades estavam associadas as questões do olfato, Nefertum e Shesmu. Nefertum era a divindade dos perfumes sendo seu símbolo a flor de lotus. Esta entidade incorporava, a beleza, feminilidade, a pureza e graciosidade dos elementos da vida.

Na Figura 20 apresentamos a fotografia da estatueta de Nefertum em exposição no Museu do Louvre.

Figura 19: Estatueta de Nefertum no museu do Louvre, Paris.



Fonte: Museu do Louvre. Catálogo de Exposição 2002. The Louvre, 7 Faces of a Museum – 1987, Página 98 · 1987.

A figura mitológica de Shesmu, divindade ora corpo humano com cabeça de falcão, ora com cabeça de leão, foi a mestra na produção dos óleos essenciais e dos vinhos. Foi uma divindade de dupla personalidade, ligada as execuções e a justiça, mas também a bondade com os mortos e o acompanhamento desses quando em dificuldades na vida pós-morte.

4. Considerações Finais

O período do antigo Egito dos governos dos faraós é indiscutivelmente uma fórmula importante para as sociedades africanas e para as sociedades ocidentais, porque marcam de forma contínua e específica a história da humanidade (Cunha Junior, 2020). Raríssimas civilizações duraram mais de um milênio, e a Egípcia foram mais de 3 milênios, e raríssimas foram aquelas que constituíram um legado científico de tecnologias em diversas áreas do conhecimento. A escrita, a matemática, a filosofia da Maat, a organização da química, a organização do estado, foram marcas profundas da civilização egípcia na história.

A iconografia foi a marca preponderante do estado teocrático egípcio e produziu um enorme legado de imagens explicativas da sua própria história, dos valores sociais e do pensamento filosófico. Talvez apenas a civilização chinesa e a hindu, tenham exemplos semelhantes devido às escritas serem iconográfica, sem, contudo, a marcante estabilidade política de sucessivos governos com as mesmas bases religiosas e ideológicas e num período de três milênios. Portanto, a iconografia e está associada a própria história da civilização

egípcia e faz parte da forma egípcia da persistência das imagens.

A leitura detalhada das imagens dos jardins é uma fabulosa viagem sobre a consciência que a sociedade egípcia tinha de si mesma, das suas inserções geografias e culturais e das formas de identidade desenvolvida nas classes sociais religiosas e políticas. A iconografia dos jardins é um espelho dos valores e do que pensavam em certa medida um grupo social e como edificava os seus valores. Os jardins retratam parte das ambições humanas e dos motivos de satisfação e prazer alimentar e físico, sendo também uma significativa amostra dos elementos dos ritos religiosos.

Este artigo gerado a partir das imagens dos jardins do antigo Egito e utilizando um dos símbolos persistentes nessa iconografia que é flor de lótus, realizou uma discussão de variadas formulações sobre a importância e persistência dessa flor na imagética do antigo Egito. Investigou o caráter religioso e político das representações da flor de lótus e produziu uma forma de interpretação da sacralidade da flor de lótus e da relação política e religiosa dessa imagem.

A flor é o sentido de renascimento, da reconstrução, da sucessão da noite após o dia, dessa repetição, da dominação da ordem após a superação do caos. A vida é representada na sua constante superação cotidiana. O movimento mecânico das pétalas da flor lótus inspirou as interpretações dos movimentos sociais, religiosos, políticos e laborais da humanidade egípcia na procura da vida harmônica e equilibrada. Produziu um símbolo forte e inspirador da sucessão dos fatos e das superações necessárias para a vida humana, que foram incorporadas a fortíssima ideologia do estado teocrático egípcio. As constantes e repetitivas iconografias da flor de lótus foram examinadas em alguns dos seus aspectos explicativos nesse artigo. Podendo ser considerado um artigo original e relevante quando as informações e estudos sobre a flor de lótus na iconografia do antigo Egito.

Cabe reafirmar nessa finalização que: a flor de lótus aparece como símbolo transmitindo ideias, como suporte iconográfico como símbolo sacro, em relevos, murais e painéis de templos, palácios e áreas públicas de grandes espaços para grandes comemorações. Os selos reais, um instrumento para deixar a marca real impressa foi muito comum a representação com o símbolo da flor de lótus. Em instrumentos ritualísticos e em joias e ornamentos corporais.

O Lótus Egípcio como Símbolo da Vida Eterna. O simbolismo do Lótus foi uma marca registrada da expressão religiosa no Egito faraônico e permeia a maioria dos complexos de templos e locais mortuários de origem pré-cristã.

Referencias

ALEXANIAN, N. « Social dimensions of Old Kingdom mastaba architecture », dans Z. Hawass (éd.), **Egyptology at the Dawn of the Twenty-First Century**. Vol. II : History, Religion, Le Caire, 2003, p. 88-96.

BALDI, Marco. Aromatic essences in ancient Nubia: the sacredness of perfumes and incense in the Meroitic kingdom. **Journal of Intercultural and Interdisciplinary Archaeology**. P. 73 -88. 2003.

BRAND, P., FELEG, R. and MURNANE, W. **The Great Hypostyle Hall in the Temple of Amun at Karnak**, Oriental Institute Publications, 2019; 1(2): 142.).

BOCHI, P. A. Bochi. The enigmatic activity of painting the seasons at an easel : contemplative leisure or preemptive measure ? **JARCE 40** (2003), 159-169.

ÇETIN, Funda Yaka; İPEKOĞLU, Başak; LAROCHE, Didier (2012) Reconstruction of Archaeological Sites: Principles Practice and Evaluation. **International Journal of Architectural Heritage**, 6:5, 579-603. 2012.

CUNHA JUNIOR, H. Ma'at Em Imagens Iconograficas. **Revista Educação Gráfica**, v. 25, p. 182-198, 2021.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Figo e figueira dos faraós dos jardins do antigo Egito. **Revista África e Africanidades**. Ano XVI n. 44-45, nov.2022 - fev.2023 - ISBN 1983-2354
www.africaeaficanidades.com.br.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Papiro: A Planta Aquática Ornamental Do Jardim Dos Faraós E Planta Da Economia Egípcia. **Educação Gráfica**, Brasil, Bauru. V. 28, No. 1. Abril de 2024. Pp. 01 – 20. ISSN 2179-7374.

CASTAGNA, Villa. **The Gardens in Hamilton New Zealand: Part 1**. Introduction | Vill...<https://villacastagnadaylesford.com.au/2022/06/09/the-gardens-in...1> of 312/06/2022.

DANTAS, Bárbara. Des Oge Mais Quer' Eu Trobar Pola Senhor Onrrada: A Iconografia E Os Motivos Arquitetônicos Presentes Nos Textos Das Cantigas De Santa María (SÉC. XIII). **Anais da XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio**. 2014.

DAVIDOVITS, J. ; MORRIS, Margie. **The Pyramids – An enigma solved**; Hippocrene Books. New-york. 1988. ISBN 0-87052-559-X .

DELVAUX, Simon . 'L'enseignement de la documentation iconographique de l'Ancien et du Moyen Empire quant à l'utilisation du traîneau', **JAEA 3**, 2018, pp. 45-63.

ECO, Umberto. **Arte e beleza na estética medieval**. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

EL-EKIABY, M. A. (1975). **Environmental and Religious Influences on Architecture in Both Pharaohs and Islamic Eras**. M.Sc. Thesis, Assiut: Assiut University.

ELSABAWY, Mohamed Nour Eldin. Medicinal and Aromatic Crops in Egypt: A Study in Medical Geography. **Journal of Educational and Social Research** Vol. 2 (9) November 2012.

EMBODEN, William. 1989a. The sacred narcotic lily of the Nile: *Nymphaea caerulea*. **Economic Botany** 32: 395–407.]

EMBODEN, Willian. The sacred journey in dynastic Egypt: shamanistic trance in the context of the narcotic water lily and the mandrake. **Journal of Psychoactive Drugs**. 1989 Jan-Mar; 21(1):61-75. doi: 10.1080/02791072.1989.10472144.

GARCIA, Juan Carlos Moreno. La gestion sociale de la mémoire dans l'égypte du IIIe millénaire: Les tombes des particuliers, entre emploi privé et idéologie publique. IBAES VI . **Dekorierter Grabanlagen**. (215- 242). 2006.

- GIDEON, G. (1980). Housing in Arid Lands. In: Toulon, N. A. (Ed.), **Climatic Considerations in the Design of Urban Housing** (pp. 95-84). London: Architectural Press.
- LANGE, Kurt; HIRMER, Max. 1968. **Egypt: Architecture, Sculpture, Painting in Three Thousand Years**, 4th ed. London: Phaidon Press. 1968.
- LORET, Victor. **La flore pharaonique d'après les documents hiéroglyphiques et les spécimens découverts dans les tombes**. 1892 (lire en ligne [archive]).
- MCDONALD, J. Andrew. Influences of Egyptian Lotus Symbolism and Ritualistic Practices on Sacral Tree Worship in the Fertile Crescent from 1500 BCE to 200 CE. **Religions**, 2018, 9, 256; doi:10.3390/rel9090256.
- MOREIRA, Altamir. A iconografia em revisão. **Revista Contemporânea**, v.1, n.1, e9, 2018.
- SEYMOUR, Evizel ; GRAHAM, Peter; AGCOPRA, Clarita; WILLOWS, Karen; HERBER, Brett. Assessing Lotus for Wastewater Bioremediation. Documento do Governo da Australia. September 2009. **RIRDC Publication** No 09/089; RIRDC Project No. PRJ-000595.
- SCHNEIDER, Edward L. 1982. Notes on the floral biology of *Nymphaea elegans* (Nymphaeaceae). **Aquatic Botany** 12: 197–200. 1982.
- SHARAFELDEAN, R. M. "The ancient Egyptian origin of some architectural and artistic elements in Coptic Christianity", **Journal of the Faculty of Tourism and Hotels**, 2019; 16(2): 45-58.
- WALKER, Susan; HIGGS, Peter (2001), "Painting with a portrait of a woman in profile", in Walker, Susan; Higgs, Peter (eds.), **Cleopatra of Egypt: from History to Myth**, Princeton, N.J.: Princeton University Press (British Museum Press), pp.
- WALSEM, Rene Van. The interpretation of iconographic programmes in Old Kingdom elite tombs of the memphite area. Methodological and theoretical considerations. Dans Ch. J. Eyre (éd.), **Proceedings of the Seventh International Congress of Egyptologists** (OLA, 82), Louvain, 1998, p. 1205-121.
- WILKINSON, Tody. **Ramesses The Great**. Yale University Press. 2023.